

O SOM
DA NOVA
ERA

O Clarim e seus maestros

Cássio Leonardo Carrara

O SOM
DA NOVA
ERA

O Clarim e seus maestros

1ª edição

Matão, SP

2018

CASA EDITORA
O CLARIM

Copyright © 2018 by
CASA EDITORA O CLARIM
Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: agosto/2018, 6 mil exemplares
Impresso no formato 14x21 cm

ISBN 978-85-7357-176-9

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim
Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09
CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil
Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575
CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116
www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br
www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim
Revisão: Ruy Donini Antunes
Foto de capa: Cássio Leonardo Carrara – Memorial Cairbar Schutel (capturada em 7 de maio de 2014)

Catálogo na Publicação (CIP)

C313s Carrara, Cássio Leonardo

O som da nova era: O Clarim e seus maestros / Cássio Leonardo Carrara. – 1. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2018.

160p.; 21 cm

ISBN 978-85-7357-176-9

1. Espiritismo. 2. Livro-reportagem. 3. Institucional. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9



*Lançamento em homenagem aos 150 anos de
nascimento de Cairbar Schutel (1868-2018)*

*“O que eu lamento é ter vivido tanto tempo na
Terra sem saber o que teria podido ser e o que
teria podido fazer.”*

Voltaire

Agradecimentos

Dedico este livro e agradeço a todos que contribuíram para o desenvolvimento de seu conteúdo, através de entrevistas, conversas informais ou indicações de leitura.

Ao meu orientador, Prof. Sebastião Geraldo, e coorientadores, Prof. Luiz Carlos Messias, Profa. Elivanete Barbi e Profa. Luciane do Valle, pelas instruções e dicas valiosas, e aos demais professores do curso de Jornalismo da Universidade de Araraquara (Uniara).

Aos meus pais, Orson e Neuza, pelo exemplo de dedicação e perseverança que sempre me transmitiram, e aos meus irmãos, Cíntia e Alexandre.

À minha esposa Gabriella, companheira e melhor amiga, pelo amor e carinho de todas as horas.

Aos amigos Sonia e David Liesenberg, que me dedicaram apoio constante e ajuda imensurável, não apenas na elaboração

do livro, mas principalmente nos momentos em que mais precisei de apoio.

À D. Ziza Rosito, pelo carinho e emoção marcantes da primeira entrevista, que me motivou para a sequência do trabalho e me deu a certeza da escolha certa do tema e ao seu sobrinho, Ruy Donini Antunes, revisor do livro, que contribuiu para o enriquecimento do texto.

Finalmente aos diretores e colegas da Casa Editora O Clarim, local onde muito cresci pessoal e profissionalmente.

A todos externo a minha gratidão e retribuo com este livro que carrega o mais sincero sentimento de dedicação.

Cássio Leonardo Carrara
Matão, junho de 2018.

Sumário

- 7 Agradecimentos
- 11 Apresentação
- 17 Capítulo 1 - Descobrimdo e divulgando o Espiritismo
 - 19 Adeus, Rio de Janeiro
 - 27 Quatro cidades, um destino
 - 33 Kardec para Cairbar
 - 41 Auto de fê de São Paulo
 - 51 A expansão de fronteiras e os primeiros livros
- 59 Capítulo 2 - Os sucessores
 - 61 Os três fenômenos
 - 69 Sou leão, mas não rujo; sou Pitta, mas não pito

75	Fortes mulheres
81	Reestruturação econômica e cultural
89	Capítulo 3 - Ampliação do ideal
91	Consolidação
95	Gratidão e trabalho
101	O Dia de Cairbar Schutel
105	Centro Espírita O Clarim
111	O centenário
117	Constante evolução
123	Memorial Cairbar Schutel e a ponte para o futuro
131	Anexos
133	Mensagem da capa
135	A imprensa espírita em São Paulo
147	Livros publicados pela Casa Editora O Clarim
153	Entrevistas e referências bibliográficas

Apresentação

Este livro-reportagem foi originalmente desenvolvido como trabalho de conclusão de curso da graduação em Comunicação Social – Jornalismo, pelo Centro Universitário de Araraquara (Uniara), atual Universidade de Araraquara, em novembro de 2012. À época foram impressas somente 25 unidades, das quais uma parcela foi entregue ao acervo da faculdade e aos professores que orientaram projeto, e as demais unidades foram presenteadas a amigos e familiares.

Com algumas atualizações e tendo em vista as comemorações dos 150 anos de nascimento de Cairbar Schutel, fundador da Casa Editora O Clarim, em 2018, propus ao Sr. Aparecido Belvedere, diretor editorial da instituição, que avaliasse o livro e a viabilidade de sua publicação. Gentilmente, ele e a editora acolheram a proposta, resultando nesta edição.

A Casa Editora O Clarim, objeto do livro, é uma editora espírita localizada em Matão, interior do Estado de São Paulo, é

uma das mais tradicionais e respeitadas instituições espíritas do Brasil, sendo conhecida também internacionalmente.

A religião motivadora de sua fundação e subsequente continuidade, o Espiritismo, após a codificação de Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), foi apresentada em *O Livro dos Espíritos*, obra básica do estudo espírita, lançada em 1857 na França, com perguntas e respostas que apresentam de forma detalhada os seus princípios.

O primeiro grupo espírita brasileiro foi fundado em Salvador, BA, no ano de 1865, por Luiz Olímpio Telles de Menezes (1828-1893), sob a denominação de *Grupo Familiar do Espiritismo*. Do mesmo grupo surgiu o periódico *O Echo d'Além Túmulo, Monitor do Spiritismo no Brazil*, impresso na tipografia do *Diário da Bahia*, inaugurando a imprensa espírita no Brasil.

Na década de 1890, já havia 96 jornais e revistas espíritas em todo o planeta, dos quais dezenove no Brasil. Com o início do século XX, a imprensa espírita brasileira presenciou um grande avanço no número de publicações.

No estado de São Paulo, o primeiro jornal espírita, intitulado *União e Crença*, foi fundado em 1881, sob a responsabilidade do Grupo Espírita Fraternidade Areense, na cidade de Areias. A partir daí, há registro do surgimento de mais de uma centena de publicações espíritas até 1978.

O estado paulista, aliás, sempre ocupou um lugar de destaque no cenário espírita brasileiro, seja pelo grande número de centros espíritas, seja pela iniciativa em atividades pioneiras e promoção de unificação.

A primeira entidade federativa, denominada União Espírita do Estado de São Paulo, foi fundada em 24 de maio de 1908, por Antônio Gonçalves da Silva (1839-1909), conhecido como Batuira. A base para Batuira começar o trabalho de unificação veio de um Congresso Espírita no Rio de Janeiro, RJ, em 1904, no qual foi aprovada a tese *Bases da Organização Espírita*, sob a tutela da Federação Espírita Brasileira (FEB), presidida à época por Leopoldo Cirne.

Também merecem destaque os trabalhos de Anália Emília Franco (1853-1919), cognominada a “Grande Dama da Educação Brasileira”, e seu esposo Francisco Antônio Bastos (1853-1929). Anália dirigiu um projeto de educação às camadas mais pobres da população, sem distinção de sexo ou raça, voltado não só a crianças, mas também à alfabetização de adultos. Francisco criou o Centro Espírita de São Paulo, que promoveu a interação e união de grupos espíritas da capital paulista.

No interior paulista, o movimento espírita engatinhava no início do século XX e, até 1940, o trabalho dos espíritas era dificultado pela existência de quatro entidades federativas estaduais, cada qual com seu ponto de vista em relação à orientação doutrinária. Eram elas a União Federativa Paulista (fundada em 1933), a Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, a Liga Espírita do Estado de São Paulo (estas duas instituições sem data confirmada de fundação) e a Federação Espírita do Estado de São Paulo (fundada em 1936).

Divergências de opinião e, principalmente, divergências doutrinárias dificultaram um trabalho de unificação estadual

que fornecesse bases concretas aos centros espíritas e à imprensa espírita. Seja como for, em junho de 1947, surge a USE - União Social Espírita (atual União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo), com o objetivo de centralizar as ações e orientar a criação de conselhos regionais e uniões municipais.

Este cenário de novas ideias e efervescência do Espiritismo criou o contexto ideal para o surgimento do jornal *O Clarim*, em 1905, e posteriormente da *Revista Internacional de Espiritismo* (RIE), em 1925, ambos fundados por Cairbar Schutel (1868-1938). Apesar de localizados em um pequeno município interiorano, jamais permaneceram acanhados e, fazendo justiça ao clarim do título, ecoaram a longas distâncias, atingindo importância e credibilidade comprovadas por mais de um século de existência.

A presente obra, empenhada em contar um pouco da história da Casa Editora O Clarim, resgata os personagens importantes que mantiveram vivo o ideal lançado por Cairbar Schutel no início do século passado.

Devido à importância e representatividade daquele que ficou conhecido com o Bandeirante do Espiritismo, vários livros se dedicaram, de forma justa, a contar sua biografia e homenageá-lo. Há, contudo, escassez de documentos que falem da continuidade do trabalho após 1938, ano de desencarnação de Schutel. Muitos homens e mulheres valorosos dedicaram suas vidas para manter vivo e ininterrupto este ideal, de forma que também são merecedores dessas memórias. Este livro-reportagem histórico visa, pois, contribuir singelamente e sem qualquer pretensão

de ser definitivo, como documento histórico da editora, da cidade em que se situa e do movimento espírita brasileiro.

Para retratar essa narrativa de pioneirismo na divulgação espírita, o trabalho foi desenvolvido através de um livro-reportagem, utilizando-se três métodos de pesquisa: bibliográfica, documental e entrevista. O livro-reportagem é um produto cultural que amplia o trabalho da imprensa cotidiana, concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão, já que não tem necessariamente o compromisso com assuntos contemporâneos; utiliza-se nesta publicação não-periódica a ferramenta da reportagem, que apresenta uma abordagem mais ampla e profunda em comparação com a notícia, elemento básico do jornalismo que tem a função de informar (LIMA, 1993, p. 7).

Permitindo uma abordagem mais ampla, a reportagem abre os horizontes da notícia, que é rápida, simples e objetiva. Apresenta para isso uma linguagem mais solta, que procure agradar a todos os públicos, na qual o jornalista exerce seu papel de interpretador dos fatos, enxergando a realidade de acordo com suas crenças, culturas, herança genética e outros fatores, que exercem grande influência na maneira como vai construir a “sua história”.

Desvinculado, portanto, da imprensa tradicional, o livro-reportagem não tem a preocupação de justificar o “gancho” jornalístico, ou seja, um momento presente que torne possível a veiculação da notícia; seu conteúdo não precisa se resumir aos acontecimentos da atualidade, aprofundando o conteúdo da re-

portagem para épocas distantes. E, diferentemente da grande reportagem na imprensa contemporânea, na qual os fatos são abordados com dimensão restrita, analisando-se apenas causas e efeitos, o livro-reportagem procura buscar fatores antecedentes que influenciaram o objeto de estudo atual (LIMA, 1993, p. 13-15).

No caso do jornalismo contemporâneo, a *eficiência* é considerada primordial para aprofundar o tema e trazer o máximo de informações com objetividade. O jornalismo literário, por outro lado, prima pela *fluência*, ou seja, é comprometido com a informação, mas não se prende a regras específicas de redação jornalística, já que pode se utilizar de outros elementos narrativos para desenvolver a história.

Esta fluência permite algumas liberdades, praticamente inconcebíveis na imprensa cotidiana: liberdade temática (abordagem de temas sem espaço na imprensa), de angulação (presença expressiva do autor), de fontes (não se limita às fontes tradicionais que sempre são consultadas), temporal (isento do compromisso com a atualidade), do eixo de reportagem (livre da reportagem factual) e de propósito (alto patamar de compreensão).

Devido à sua liberdade de pauta e influência do autor na interpretação da história, pode-se traçar uma relação de proximidade entre jornalismo e literatura. Para Bulhões (2007) *apud* Silva (2009) o jornalista-literato, de posse dessas duas áreas do conhecimento, redige um livro que explica a contemporaneidade e vai além da atualidade instantânea. É um produto para a posteridade.

Capítulo 1



Descobrimo e divulgando o Espiritismo

Adeus, Rio de Janeiro

A história da Casa Editora O Clarim muitas vezes se confunde com a história de Cairbar Schutel. Homem de grande idealismo, coragem e determinação incomparáveis, mudou o rumo da própria vida com seu trabalho e influenciou muitas outras gerações, não se restringindo apenas à pequena Matão, mas a todo o Brasil e, até mesmo, o mundo.

Seu legado ficou eternamente registrado com a fundação do jornal *O Clarim* e da *Revista Internacional de Espiritismo*, os principais ícones do seu ideal. E foi na própria *Revista Internacional de Espiritismo*, em 1968, trinta anos após o seu falecimento, que foi publicada esta homenagem para comemorar o centenário de seu nascimento, com o artigo *Amanhecer e ocaso*, de Wallace Leal Rodrigues:

Cairbar de Souza Schutel nasceu a 22 de setembro de 1868, enquanto o Brasil envolvia-se na aventura que

a História denomina a “Guerra do Paraguai”. Estava com pouco mais de um mês quando chegaram à real cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro as notícias decisivas sobre a batalha de Tuiuti.

O casal Souza Schutel via nascer seu primeiro filho enquanto residia na famosa Rua do Ouvidor, 49, que, apesar dos terrores da guerra, dia a dia engalanava-se e resplandecia. O menino Cairbar transitava, pela mão de sua mãe, entre nada menos do que 23 casas de modistas, 4 de floristas, 77 ourives, 33 relojoeiros, 66 sapateiros, 8 retratistas – um dos quais retratou-lhe os pais no esplendor de sua beleza e juventude – e... 24 fabricantes de carruagens.

Ali os hábitos eram complicados e nobres, o que pode explicar o fato do formoso Anthero Schutel ter-se tornado um “dandy”¹. Na capital imperial proliferavam os grêmios de diversões e artes e o elegante filho de fazendeiros catarinenses não se importava em gastar fortunas no Cassino Fluminense – de todos, o mais aristocrático –, na Sociedade de Recreação Campestre ou mesmo nos Clubes de Petrópolis, na cidade dos reis.

1. Indivíduo que se traja com apuro exagerado; casquilho, janota, peralta. (Dicionário Michaelis)

Entretanto a esposa, a meiga Rita, não o acompanhava. Era dotada de um outro feitio e fora criada na religião brasileira do culto doméstico. As casas abastadas possuíam seus oratórios particulares e o menino gravou na memória a lembrança de sua mãe de joelhos, com ele ao seu lado e os escravos domésticos um pouco atrás. Desfiavam o rosário enquanto as velinhas faziam a ilusão de que os santos mudavam suas expressões faciais e moviam as vestes.

A religião enchia a vida monótona e triste de D. Rita, que amava intensamente o marido e esperava-o chegar, madrugada alta, insone e resignada. Schutel, anos mais tarde, contaria aos amigos ter visto, em certos dias, a casa se esvaziar de móveis, levados para saldar as contas de jogo de Anthero. Este, todavia, sempre terminava por trazê-los de volta. No fundo era bom, amável, e adorava a família. Mas sua vida desregrada deveria em breve levá-lo ao túmulo e a doce Rita não demoraria em ir fazer-lhe companhia. Por esse tempo, uma outra criança já nascera, um esperado irmãozinho que, entretanto, não partilharia com Cairbar, por muito tempo, as tristezas da orfandade. O pequeno Anthero faleceu aos quatro anos.

E ao Dr. Henrique Schutel caberia ser tutor do menino Cairbar, com menos de nove anos. O Dr. Schutel

era um homem de educação esmerada e embora não tenhamos podido estabelecer se proveio do cantão francês da Suíça, da própria França ou da Sardenha, o fato é que desincumbiu-se das funções de cônsul desses países (...). A primeira preocupação do Dr. Schutel foi a instrução do menino. Cairbar foi para a escola. Era, entretanto, um menino insatisfeito e triste. A visão da mãe posta de joelhos diante do oratório e por cujas faces pálidas as lágrimas silenciosamente desciam ao ritmo das contas do rosário, os passos furtivos do belo homem elegante, o amado pai, a chegar pelas madrugadas sufocantes, tinham-no marcado para sempre. Entre aqueles dois amores irrealizados e perdidos havia um fator a ser descoberto. Alguma coisa falhara porque estava errada. De outra forma apenas o amor triunfaria. E por detrás da fé católica da criança havia uma dúvida e uma desilusão. Tão pouco os esplendores da Corte, que tinham feito sua mãe infeliz e levaram seu pai a uma perda que ele, pelos padrões religiosos que lhe inculcavam, poderia julgar irreparável, eram-lhe toleráveis.

(...) Sua aguda inteligência não encontrava uma aristocracia mental desmembrada da religião que resultara inútil para a felicidade de sua família. As sacristias, o púlpito, as vigarias não alimentavam a animação intelectual e emocional de um espírito que ansiava pela

ideologia de um mundo novo, por uma quadra de revolução e definição total.

O menino Cairbar recebeu duas importantes e antagônicas influências durante sua infância: do pai, a vida desregrada e o vício do jogo, atitudes que, se não bem assimiladas por mentes jovens, podem levar à perda de uma existência; da mãe, a religiosidade quase pura, a perseverança e a fé como meios de vida indispensáveis.

Batizado na igreja católica aos 7 anos, por influência de D. Rita, ficou órfão de pai e mãe na mesma época em que completou 10 anos, em 1878. Primeiro, o pai, Anthero, vítima de uma morte repentina enquanto se banhava em um bacião, no dia 24 de abril. A mãe, D. Rita, estava grávida ao tornar-se viúva e faleceu exatos cinco meses após a morte do marido e poucos dias após o nascimento do filho, vítima de febre puerperal. Conhecida como “a peste dos médicos”, essa doença era comum em maternidades e matava milhares de mulheres e recém-nascidos, ocorrendo sempre após o parto, período chamado de puerpério. A mãe começava a sentir muitas dores no abdômen, que também inchava, acompanhadas de períodos de delírio e um mau cheiro que era emanado do organismo feminino. A infecção partia do útero e rapidamente se generalizava. Não se conhecia naquela época qual a causa desta doença, mas atualmente sabe-se que a causa inicial da infecção é a entrada de germes através de mãos sujas, instrumentos cirúrgicos ou roupas sujas. Acredita-se que os próprios médicos que realizavam autópsias eram os trans-

missores, já que após este procedimento encaminhavam-se para a realização do parto sem a devida preocupação com a higiene das mãos². O filho que o casal esperava, Antero, chegou a nascer no dia 12 de setembro, mas só viveria 4 anos.

Cairbar vai morar com o avô, Dr. Henrique Schutel, homem culto e influente na Corte; dizem ter sido levado ao Rio de Janeiro por influência de D. Pedro II para cuidar exclusivamente da saúde da Imperatriz Teresa Cristina. Cairbar é matriculado pelo avô no Imperial Colégio D. Pedro II, que ministrava uma educação rígida, tradicional.

Mas ele não era um bom aluno. O ambiente do colégio não lhe agrada e ele decide abandonar o pomposo *status* que possuía em razão da matrícula no colégio imperial, para empregar-se como simples aprendiz de farmácia, ainda na adolescência. Sua aplicação logo o fez evoluir para prático de farmácia, adquirindo desde cedo respeito e credibilidade entre os clientes e tornando-se um profissional conhecido e muito requisitado por sua competência.

Paralelamente às atividades da farmácia, tornou-se comum para Cairbar o hábito de frequentar a vida noturna do Rio de Janeiro. À época capital do Império, a cidade possuía muitos atrativos aos jovens e Cairbar envolveu-se com os boêmios seres-teiros que percorriam as ruas durante as madrugadas, entoando seus choros e modinhas até a manhã raiar. Muitas vezes passava a madrugada toda pela rua, passando logo cedo, sem repousar, a

2. Informação obtida em <http://www.ghhc.usp.br/Contagio/cap09.html>. Acesso em 12/4/2012.

enfrentar as responsabilidades da farmácia. Também simpatizava com rodas de capoeira e era um fã incondicional do carnaval. Não lhe faltavam atrativos para distrair a mente e manter o corpo ocupado na bela cidade carioca.

Essa vida agitada e desregrada trouxe, no entanto, graves prejuízos à saúde do jovem Cairbar, que se tornou anêmico e teve suas funções pulmonares debilitadas. De um médico que consultou, em 1891, ouviu o veredicto: “Sua saúde está precaríssima e você numa encruzilhada: ou sai do Rio imediatamente ou encomende já seu túmulo, porque você se encontra a um passo da tuberculose! Saia já do Rio.”

Com medo da tuberculose, fatal à época, Cairbar imediatamente despediu-se da farmácia e encaminhou-se à estação ferroviária, sem saber que rumo seguir. No Rio não poderia ficar!

Analisou o mapa ferroviário e, ao final da linha férrea, definiu seu destino: Araraquara, interior de São Paulo, na época, uma cidadezinha pequena e muito distinta da agitada Rio de Janeiro a que ele se acostumou e que tanto o prejudicou fisicamente.

É estranho pensar o que levou Cairbar a deixar a antiga capital do Brasil, onde poderia conviver com as pessoas da Corte, luxuosas e detentoras de conhecimento e cultura, para instalar-se num vilarejo cravado no centro do estado de São Paulo. O fato é que essa decisão alterou não apenas sua vida, mas foi capaz de criar um novo rumo para seus pensamentos, o que lhe ampliaria o modo de enxergar a própria existência e a de muitas outras pessoas ao seu redor para além das acanhadas fronteiras paulistas.